



Santa Teresa:

Uma Mulher de Deus

Mística, mas profundamente humana, visionária enclausurada, mas realizadora vibrante, ela mostrou o caminho para um novo relacionamento com Deus

ERNEST O. HAUSER

QUANDO o Papa Paulo VI, no dia 27 de setembro de 1970, proclamou Santa Teresa de Ávila a primeira mulher «Doutor da Igreja», colocando-a a par com gigantes espirituais como Santo Agostinho, o seu solene gesto cerimonial não dizia respeito somente aos católicos romanos. A corajosa freira espanhola, santificada 40 anos após a sua morte, ocorrida em 1582, pertence a homens e mulheres de todas as crenças. Seu calor humano, sua inteligência, sua coragem persistente e sua profundidade espiritual

fazem dela uma das maiores mulheres de todos os tempos.

Teresa buscava, e encontrou, um novo relacionamento com Deus. É frequentemente chamado «mística», sugerindo uma pessoa que, por meios que escapam à razão, entra em comunhão direta com a Divindade. Numa época em que o racionalismo é supremo, as visões místicas tendem a causar ceticismo. Mas seus relatos sobre essas experiências e a objetividade das suas auto-análises adquirem um peso inusitado. Até os mais céticos respeitam a inabalável

honestidade e a personalidade ajustada, alegre e expansiva de Teresa.

Ela continua a influenciar em todas as camadas. Na sua querida Espanha, é uma lenda viva. Suas imagens enfeitam mil igrejas e por toda a parte aldeões proclamam orgulhosos que «A Santa dormiu aqui!», «Aqui ela orou!» e «Aqui ela errou o caminho!» Seus textos foram reeditados mais de 1.100 vezes, e ela é lida hoje em inglês, francês, árabe, coreano e chinês. Acima de tudo, a tarefa da sua vida, a Ordem das Carmelitas Descalças, continua a mostrar extraordinária vitalidade. Apesar da severidade das suas regras, a Ordem compreende agora mais de 1.000 mosteiros e conventos, com 3.800 frades e 13.650 freiras espalhados pelo mundo — o maior grupo de freiras de uma só ordem enclausurada da Igreja Católica.

Ávila não mudou muito desde aquele dia, em 1515, quando ali nasceu Teresa Sanchez de Cepeda y Ahumada, filha de um mais ou menos próspero proprietário de terras temente a Deus. A cidade medieval, erguida sobre uma saliência rochosa, ainda tem as suas ruazinhas sinuosas e as mesmas casas sólidas e retangulares que Teresa conheceu, ali crescendo no seio de uma família numerosa e alegre. Seu rosto era de traços bem marcados, os olhos castanhos e os cabelos escuros e encaracolados. Aos 20 anos, ela ingressou no Convento da Encarnação e recebeu o hábito das Carmelitas.

Nos 27 anos que passou no con-

vento, Teresa tornou-se profundamente espiritual. Nas suas devotadas orações, ela sentia a presença da Divindade. Parecia-lhe «ouvir vozes interiores e ver certas visões». A mais dramática dessas experiências foi o encontro com um anjo que empunhava uma lança de ouro, com a ponta em chama. Ela contou: «Cravou-me a lança várias vezes no coração. A dor era tanta que me fez soltar gemidos. Se alguém acha que estou mentindo, peço a Deus que, na Sua bondade, permita-lhe a mesma experiência.»

Que dizer a isto? Os que observavam Teresa durante os seus tranSES, cada vez mais frequentes, viam que algo de muito real ocorria com ela. Seu rosto iluminava-se com uma luz interior, seu corpo tornava-se imponderável — e algumas testemunhas juraram tê-la visto erguer-se do chão e ficar suspensa no ar por longos momentos.

Descrevendo as suas experiências, Teresa escreveu: «Ele aparece à alma com uma luz maior que a do Sol. Não quero dizer que veja um Sol ou qualquer luminosidade. Mas há uma luz invisível que ilumina a compreensão... uma claridade suave, que se derrama radiante, causando enorme prazer.»

Essas visões fizeram Teresa perceber que o lugar onde se encontrava, do qual entrava e saía à vontade, parecia mais uma pensão elegante que um convento. Desejou então estabelecer o seu próprio santuário, onde umas poucas almas dedicadas pudessem viver em po-

breza, contemplação e oração, longe dos apelos mundanos. A maioria de suas irmãs no Convento da Encarnação ficou chocada com a idéia. Não era a vida ali boa o bastante para ela? Teresa não se importou. Com nova determinação, ela perseguia agora o seu objetivo. Uma viúva piedosa fez uma modesta contribuição e o bispo local foi convencido a dar a necessária permissão para um novo convento.

Entretanto, defrontando-se com a perspectiva de mais uma instituição a viver da sua caridade, os habitantes da cidade ficaram revoltados. Somente quando altos eclesiásticos se manifestaram a favor da «nobre loucura» de Teresa, foi que lhe permitiram manter sua casinha de pedra nos limites da cidade, a qual dedicara a São José. O turista de hoje não tem dificuldade em encontrá-la — qualquer criança de Ávila lhe mostrará o caminho para São José, onde 20 freiras carmelitas continuam mantendo ardente a chama acesa pela santa.

Assim nasceu o ramo reformista da Ordem das Carmelitas. Adotando o nome religioso de «Teresa de Jesus», ela chamou suas seguidoras de Carmelitas Descalças. Seu hábito era feito de pano de saco escuro; para os serviços religiosos, cobriam-se com um manto branco. Apesar do nome, na realidade usavam sandálias de corda e meias de cânhamo contra o frio. Exceto por doença grave, ninguém deixava a casa, e eram proibidas conversas mundanas. Cada freira vivia na sua própria cela, as

camas eram sacos de palha, e Teresa usava uma acha de lenha como travesseiro. Faziam longos jejuns e trabalhavam muito a fim de ganhar o seu sustento. Havia, no entanto, um luxo inaudito, introduzido por Teresa: cada freira era obrigada a manter na cela uma jarra de água e lavar-se! Ela detestava a sujeira e não parava de limpar as coisas.

Mais tarde, Teresa recordaria os cinco anos passados em São José como os mais felizes da sua vida. Percebendo a grande importância das suas experiências, seus superiores ordenaram que as anotasse para que a Igreja dispusesse de um registro. Ela lançou-se ao trabalho, na sua cela despida, usando o peitoril da janela como mesa. «Roubo o tempo para escrever», ela diria, «pois, para fazê-lo, deixo de tecer, e vivo numa casa pobre, onde há muito que fazer.» Embora a sintaxe da sua prosa seja cheia de erros e coloquialismos, a sua famosa autobiografia — *O Livro da Vida* — é considerada um dos grandes clássicos mundiais. É tão franco o seu retrato de uma alma atormentada que, por vezes, ela soa como um perfeito psicólogo.

Mas sua obra mais importante é *O Castelo Interior*, um livro que ensina como aproximar-se de Deus através da oração. Sem rival como guia de teologia mística, o seu tema foi extraído de uma das visões de Teresa, na qual Deus mostrou-lhe um grande globo de cristal. O globo transforma-se num castelo, e no castelo existem sete mansões. Numa

delas, a mais escondida, habita o Rei da Glória, de quem emana uma luz que ilumina toda a estrutura translúcida.

A linguagem de Teresa alcança alturas poéticas ao narrar como a sua alma percorre o tortuoso caminho até ao centro do castelo e finalmente recebe a graça: «Somente Deus e a alma. Então fruem-se um ao outro, no mais profundo silêncio.»

Embora contemporâneos a tenham descrito como tensa e emotiva, o senso de humor de Teresa jamais a abandonou. Quando não conseguia desvencilhar-se de problemas mundanos, ela exclamava: «Bem, eu não sou santa!» Para noviças, ela escolhia jovens alegres, e dizia que era «melhor não ter convento do que enchê-lo de freiras tristes». Consultada a propósito da criação de um novo internato feminino, ela escreveu: «Sei muito bem o que significa ter um monte de mulheres sob um mesmo teto. Deus nos livre!» Ria da pomposidade de religiosos: «Conseguiriam produzir muito mais num dia, se colocassem o amor a Deus acima da sua dignidade, do que em 10 anos de cuidados zelosos à sua autoridade.»

Em 1567, Roma autorizou Teresa a estabelecer novos conventos baseados em suas regras reformistas, embora permanecessem sujeitos à autoridade da antiga Ordem. Teresa lançou-se assim num tumulto de atividade que ocuparia a maior parte dos seus últimos 15 anos. Vemo-la então a caminho, acom-

panhada de umas poucas freiras que formariam o núcleo de um novo convento. Apesar de terem de suportar os ventos gelados das altas «Sierras» e o sol tórrido da Andaluzia, uma de suas companheiras escreveria que «Teresa espalhava paz e alegria à sua volta».

As casas que Teresa conseguia para transformar em conventos eram geralmente das mais pobres. Não dispunha de dinheiro e, a menos que aparecesse um doador rico, era obrigada a esperar pelas esmolas. Geralmente, levava o trabalho adiante antes de ter o suficiente. «Teresa e cinco ducados não bastam», ela dizia. «Mas Deus, Teresa e cinco ducados é muito!»

Cada vez mais mulheres queriam ingressar na comunidade «descalça» de Teresa. Homens também queriam participar, e durante a vida de Teresa foram estabelecidos 14 mosteiros para frades. O primeiro candidato masculino a tomar o hábito — um hábito feito pela própria Madre Teresa — foi um jovem e brilhante padre, Juan de Yepes, conhecido como João da Cruz. Místico como ela própria, tornou-se discípulo de Teresa, e mais tarde foi santificado.

Enquanto Teresa reunia devotos, os chefes da antiga Ordem começaram a temer, como disse um deles, que os reformistas «acabariam reformando também a eles». Teresa foi oficialmente condenada por «desobediência» e recebeu ordem de não estabelecer novos conventos.

Finalmente, o próprio Rei Filipe II

jogou o imenso peso da sua autoridade a favor da Reforma. Foi criada na Espanha uma «província» independente para as Carmelitas Descalças, e mais tarde as duas comunidades foram separadas em escala mundial, tornando completa a vitória de Teresa. Desde então, o ramo principal — hoje o menor dos dois — adotou vários pontos da Reforma e vive em paz e harmonia com suas primas descalças.

Nos seus últimos anos, Teresa tornou-se uma lenda viva. Aonde quer que as suas viagens a levassem, multidões formavam-se à sua volta,

muitos esperando vê-la operar milagres. Mas a sua saúde não suportou o ritmo.

Em 1582, enferma, mas animada como sempre, ela inaugurou em Burgos a sua 17.^a e última comunidade de freiras. Viajando no outono desse ano, sofreu uma hemorragia e ficou presa ao leito. No dia 4 de outubro, pronunciou as suas últimas palavras: «Chegou a hora, Senhor, de nos encontrarmos.» Deixou atrás de si, para todo o mundo, o que o Papa Paulo VI chamou de «o esplendor da sua sabedoria cristã».



Pós-Escritos

Graffiti extraordinário: «Haverá vida inteligente na Terra?» Logo abaixo, alguém acrescentou: «Sim, mas estou só de passagem.» — T. M.

SOB A CARTA que informa as condições atmosféricas da cidade de Nova York, dando-as, naquele dia, como «insalubres», o Departamento de Controle da Atmosfera acrescentou esta tranquilizadora observação: «Espera-se que o nível de poluição hoje melhore a ponto de chegar a insatisfatório.» — R. S.



Pergunta e Resposta

UM JOVEM médico regressava, com a sua mulher, de uma longa viagem pela Europa, durante a qual fizeram maravilhosas excursões por vários países. Ao passarem pela Alfândega, um dos funcionários perguntou-lhes, como é de rotina, se tinham algo a declarar. «Sim», respondeu o médico. «Falência.» — R. E. G.